



AVOLTA AO LAR SEGUNDO BETTY FRIEDAN

Albertina Oliveira Costa

Betty Friedan, uma das figuras totêmicas do novo feminismo, examina as razões do atual marasmo do movimento autônomo das mulheres nos Estados Unidos e anuncia seu fim próximo.

A *Segunda Etapa*, seu novo livro publicado em 1981, é uma combinação surpreendente de um mural épico de ressonâncias hollywoodianas sobre o crepúsculo de uma época e de um panfleto político conclamando à união de esforços em torno de novas bandeiras. Sua tese central é a de que a conquista da igualdade de direitos entre homens e mulheres não acarretou a felicidade e o bem-estar esperados. Os efeitos perversos gerados pela luta contra a discriminação sofrida pelas mulheres devem ser combatidos com o mesmo vigor com que se combateu a discriminação. A questão central tornou-se agora a da sobrevivência da humanidade e a da qualidade de vida dos seres humanos, homens e mulheres. O novo "mal sem nome" que corrói a sociedade americana é a "mística feminista", que representa para a nova geração a mesma coerção que representou a mística feminina para os anseios de individualidade da geração da autora. Preocupada com a filha Emmy, estudante de medicina de 26 anos, Betty Friedan decidiu enfrentar a tarefa de reavaliari cri-

ticamente a experiência de 15 anos de movimento feminista e superar a desagradável sensação deixada "pelas batalhas que se consideravam ganhas e devem ser recomeçadas, batalhadas de novo, pelas batalhas que de acordo com todas as regras deveriam ter sido vencidas e não foram, pelas batalhas que repentinamente não se tem vontade de vencer, pelo cansaço da batalha."¹ Contrabalança seu painel sombrio com um otimismo básico, sua crença no progresso evolucionista e sua confiança no direito à busca da felicidade assegurado pela constituição de seu país.

A mudança da imagem social da mulher no curto, incrivelmente curto espaço de uma geração comprova para Friedan o sucesso do feminismo. Mas ela chega à conclusão de que os ganhos de quinze anos de luta do movimento organizado das mulheres são ganhos ilusórios (e frágeis em face da recessão e do desemprego). A trabalho igual não corresponde salário igual e o fosso entre salários masculinos e femininos tende a acentuar-se. A entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho deveu-se à necessidade de contribuir para o orçamento familiar e não à busca de realização pessoal, deu-se nas profissões de menor prestígio e nos serviços pior remunerados, nos postos desprezados pelos ho-

¹ Betty Friedan. *The second stage*, New York, Summit books, 1981, p. 26. Ed. brasileira: *A segunda etapa*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

mens, dando origem a verdadeiros guetos de mão-de-obra feminina. Embora o movimento feminista tenha atingido um grau espantoso de mobilização e tenha conseguido um alto índice de aprovação de seus princípios (70% da população) onde, segundo sondagens as diferenças de raça, sexo, classe, geração e filiação partidária deixam de ser significativas, fracassou nas questões políticas precisas do acesso ao aborto e da emenda constitucional da igualdade de direitos (ERA). O trazer à ordem do dia a discussão da questão da discrepância entre a mudança fundamental da consciência das e sobre as mulheres e o fracasso das lutas propriamente políticas do movimento feminista c, sem sombra de dúvida, o ponto forte deste livro construído ao sabor de relatos de experiências e impressões. Embora a discussão sobre os limites do poder político do movimento autônomo das mulheres acabe por se diluir na proposta de um novo movimento de composição mista, todos os defeitos ficando atribuídos à não mixidade e não ao tipo de organização.

Betty Friedan dissocia fundo e forma, ao afirmar que os princípios que animaram o movimento feminista eram e continuam sendo incontestavelmente corretos e que os erros foram apenas de estratégia, tática e retórica. O erro ideológico fundamental foi o envenenamento das relações entre homens e mulheres e das próprias mulheres entre elas. Gloria Steinem inaugura seu balanço bem mais reconfortante dos dez anos de feminismo e de publicação da revista *MS*² dizendo: "Hoje estamos nos transformando nos homens com quem queríamos casar." Para Betty Friedan o problema está todo resumido aí. E no que se transformaram os homens com quem há dez anos queríamos nos casar? Como reação ao feminismo ou à sua retórica, num equivalente pendular ao que representava a friidez feminina dez anos atrás, observa-se por um lado um crescimento da homossexualidade, da impotência e do celibato masculinos, fato que é sublinhado diversas vezes, embora a autora confesse que seu argumento é baseado em reclamações constantes que tem ouvido e não é comprovado por nenhuma evidência científica — e, por outro, a exaltação do *macho man*, da força física com o consequente aumento de violações nas ruas e espancamentos domésticos e finalmente nos casos menos drásticos, uma falta de atração por mulheres do tipo feminista.

No primeiro estágio, o objetivo do movimento feminista foi a participação plena (com direito a voz e poder) na corrente principal da sociedade, no processo político, nos partidos, nas profissões e no mundo dos negócios. No entanto, as mulheres que chegaram lá são réplicas masculinas ou, pior ainda, exagerações caricatas, são mais masculinas (no sentido de mais viciadas por trabalho) do que os modelos; isto porque para chegar lá precisaram ser mais capazes e eficientes do que seus concorrentes e porque o "modelo de perfeição no trabalho foi estabelecido por e para homens que tinham mulheres para se ocupar em seu lugar dos detalhes da vida cotidiana."

O problema todo está em que a igualdade foi modelada pelo parâmetro masculino. O movimento das mulheres gerou um tipo novo de machismo: o machismo feminista, que consiste na adesão entusiástica à ética individualista, que tem no sucesso profissional (sempre traduzido em termos salariais) o critério da medida do mundo. Este machismo de tipo novo consiste menos em contabilizar orgasmos simples e múltiplos e narrar proezas sexuais, do que em aceitar o par de oposição razão contra emoção e pautar o comportamento por critérios exclusivamente racionais, negando qualquer aspecto positivo do universo tradicionalmente feminino (intuição, afetividade, ternura, emoção).

A imagem da feminista moderna, da mulher "liberada", da "super mulher" auto-suficiente vencendo os homens em seu próprio campo, questionando a família e a maternidade, não estava no programa do grupo que fundou o NOW (National Organization of Woman) em 1966 e do qual Betty Friedan faz parte. E aqui sua avaliação corajosa do movimento deixa de ser tão corajosa assim, porque os erros foram sempre cometidos pelos outros, como se fosse possível destrinçar a que linha de ação correspondem os resultados positivos e negativos. A imagem da mulher-maravilha liberada foi introduzida por jovens "extremistas" — referência a Kate Millet, Robim Morgan, Shulamith Firestone, Ti Grace Atkinson, enfim a todos os destaques do moderno feminismo americano que reagrupou numa orientação de "política sexual" — a explicação do "desvio" está para Betty Friedan na posição do ciclo de vida familiar e profissional de quem fala. As mães fundadoras da NOW eram típicas ame-

² Denominação em desuso, usada nos séculos XVII e XVIII indiferentemente para mulheres casadas e solteiras, relançada pela conferência da National Organization of Woman (NOW).

⁵ Shulamith Firestone. *The Dialectics of Sex*, Bantam Books, 1970.

³ Para uma explicação mais acadêmica e marxista ver Lydia Sargent. (org.) *Women and Revolution. A discussion of the unhappy marriage of marxism and feminism*, Boston, South End Press, 1981.

⁴ Personhood, um dos inúmeros neologismos impostos à língua inglesa pelo movimento feminista.

ricanas médias, jovens senhoras, esposas-mães de famílias, que por causa de sua formação universitária queriam ter também uma carreira, queriam se libertar da síndrome do "trabalho que não acaba nunca", da casa com jardim para as crianças no subúrbio, que Friedan chamava em 1963 de "campo de concentração com conforto moderno" e em 1981, com o fim do sonho, constata que os americanos não podem mais comprar. Enquanto as adeptas da "política sexual", as queimadoras de sutiã eram antes de mais nada jovens desenraizadas, ou melhor, impregnadas pelos códigos do meio pouco representativo da contracultura "revolucionária", reagindo contra a opressão particularmente gritante que ali se abatia sobre as mulheres. Essas jovens ainda desprovidas de família (de eleição) traduziram de modo simplificador para a situação homem-mulher o discurso do "classe contra classe" e, num jargão sofisticado, pediram a morte da família nuclear patriarcal³.

A batalha da família mobiliza forças poderosas, medos e necessidades emocionais profundos para as quais o movimento feminista tem se mostrado cego. Ao ataque das militantes da política sexual responde com eficiência a *Moral Majority*. Friedan raciocina jogando com três gerações de mulheres que correspondem grosso modo à geração de sua mãe, o grupo de controle, à sua própria, que tem uma história de vida ativa antes e depois da consciência (e do encetar da luta) e à de sua filha, que não teve que se preocupar com a questão da igualdade e lidou com ela apenas como um dado de seu ambiente, mas não conseguiu conciliar carreira e família e hoje está atingindo o prazo biológico em que a escolha de ter ou não filhos torna-se dramática. O direito à livre escolha é um direito fundamental da pessoa humana e do "ser pessoa" da mulher⁴ e condição da igualdade. Mas se na primeira geração de referência ainda não houve escolha, na segunda escolha foi traumatizante porque ter filhos implicava sérias mutilações físicas e psicológicas. Para a autora a desigualdade das mulheres, seu estatuto de segunda ordem na sociedade, está efetivamente baseado historicamente no fato biológico da maternidade e é compreensível que numa espécie de ressaca dos constrangimentos que sofreram gerações passadas, quando a maternidade era um destino passivo que ocupava toda uma vida, a primeira vaga do feminismo negue

este impulso e declare que a maternidade é "uma condição patológica terminal, de decadência social, de total abnegação e de deterioração física."⁵ No entanto hoje, quando esta escolha ocupa menos tempo de uma vida, sem que o movimento das mulheres atribua importância maior ao fato, o preço a pagar continua muito alto: não existem creches, o tempo de trabalho doméstico necessário continua intocado e as carreiras continuam estruturadas em termos de profissionais com esposas (Quem dentre nós não sonhou com uma esposa?). As mulheres que ainda não têm as condições que deveriam ter para conciliar carreira, família e filhos, continuam sem escolha.

Embora reconheça que esta é apenas um tipo de família, um dos arranjos historicamente possíveis, a família nuclear como lugar de intimidade e abrigo do mundo é para a autora uma referência segura. Para conquistar a condição de pessoas as mulheres precisam também de homens e filhos para satisfazer suas necessidades de amor, ternura, proteção, dependência e intimidade. O medo de parecer com as mães, donas-de-casa perfeitas e tiranas domésticas, porque desprovidas da possibilidade de exercer o poder em outras esferas e sem alternativa de espaço para satisfazer suas necessidades de controle e afirmação, não pode obscurecer para as feministas a importância de um lugar para relações íntimas e calorosas. A receita fornecida por Betty Friedan é aumentar o poder social, o que levará ao desaparecimento das estratégias de dominado, de afirmação no espaço doméstico. No segundo estágio do feminismo as mulheres lutarão para conquistar seus dias, seu locais de trabalho públicos e privados, buscando satisfazer articuladamente dois conjuntos de necessidades essenciais para elas e para a condição humana: o primeiro, da busca de identidade, prestígio e segurança através de atividades no espaço social do trabalho e da política, e o segundo, da procura de amor, identidade, prestígio, reprodução e segurança por intermédio da família. A fonte da patologia estava na assimetria dos papéis sexuais (e não na família), na célebre mãe estrela sociométrica com a função expressiva de cuidar dos filhos e maridos, da harmonia e do equilíbrio emocional do conjunto, no pai provedor funcional e elo de ligação com o mundo em geral, na famosa família conjugai isolada de Talcott Parsons. Mas esta imagem acerbamente defendida

por conservadores de todo gênero só existe em nossa nostalgia, segundo a fórmula de William Goode, e nos filmes de publicidade na televisão; de acordo com estatísticas governamentais,⁶ apenas 11% dos domicílios americanos incluem pai que sustenta o lar, mãe doméstica e uma ou mais crianças; em 21% o pai e a mãe são assalariados e há crianças; 30% dos domicílios são de casais sem filhos ou com filhos ausentes; 6,7%, são de mulheres chefes de família, ou seja, sós, porque as mulheres só são chefes de família, nas estatísticas, quando não há homens, e suas crianças; 0,7% de homens sozinhos com um ou mais filhos; 3,1% de pessoas sem laços de parentesco vivendo juntas; 5,3% de adultos vivendo com parentes que não o cônjuge ou filho e, finalmente, 22% de pessoas sós, dos quais 1/3 é constituído por mulheres com mais de 65 anos.

Para responder à espinhosa questão da realização pessoal em casa e no trabalho, Betty Friedan propõe a revalorização dos sentimentos e a família simétrica de dupla carreira. Um longo capítulo é dedicado à mutação sem estardalhaço dos estereótipos masculinos: afinal, também os homens com o fim do sonho da afluência sem limites não mais encontram boas oportunidades de trabalho e precisam inventar outras modalidades de auto-realização e crescimento pessoal. No segundo estágio, as prioridades irão para a reivindicação de creches e outras soluções de guarda das crianças, para a reestruturação dos horários de trabalho com horários flexíveis e parciais e a licença paternidade e maternidade. Aliás, a palavra de ordem de aposentar a "super mulher" responsável por múltiplas jornadas de trabalho é aceita generalizadamente no movimento feminista, consciente do beco sem saída que representa a igualdade no trabalho mas não na família, porém o consenso começa e termina aqui. A proposta de que o movimento das mulheres mesmo sem ter visto concretizada a igualdade de direitos reclamada no primeiro estágio, passe para um outro estágio onde desaparece enquanto movimento autônomo, uma vez que as questões isoladas só podem ser encaminhadas dentro de lutas maiores, é considerada decididamente antifeminista.

Segundo Betty Friedan o lema do "pessoal é político", fez com que o poder das mulheres fosse super e subestimado a um só tempo; é fundamental que seus limites sejam nitidamente desenha-

dos e analisados para que se possa passar para uma nova fase que os transcenda. Pensa que o movimento feminista, apesar de seu sucesso estrondoso tanto de mobilização como de legitimação de princípios (hoje a NOW levanta mais fundos que o Partido Democrático), fracassou politicamente ao se centrar em questões específicas como o aborto, incorrendo no mesmo erro de suas antepassadas com o direito de voto, ao alimentar uma luta de morte entre os pólos da família e da igualdade, suscitando uma reação histórica e com possibilidades de apoio, criando uma polarização falsa ao dividir as mulheres em duas raças distintas, as emancipadas e as domésticas. Ao ignorar as questões políticas e econômicas mais gerais, estabeleceu para si mesmo margens muito estreitas que se tornarão mais estreitas na atual conjuntura de recessão, inflação e desemprego.

Para Friedan não só o movimento feminista chegou ao fim de uma época, a um impasse, mas a própria democracia americana. É apocalíptica (e vaga): o verdadeiro potencial político do movimento feminista está na contribuição que pode trazer para o dilema da sobrevivência humana, na luta pela paz, pelo desarmamento, na luta das forças da morte contra as forças da vida, do dragão da maldade contra o santo guerreiro. Enfim, o segundo estágio é a luta pela reestruturação das instituições e pela transformação da natureza do poder, que será conduzida por mulheres e homens dentro dos partidos políticos tradicionais ou fora deles, visando conquistar o controle de seu destino.

Este é um livro recomendado para todos os públicos, mas que feminista nenhuma deve perder, por mais feia, conservadora, especificamente americana, "objetivamente" aliada dos inimigos, liberal, ingênua e etc. que a autora possa ser. Afinal, em 1963 nem Simone de Beauvoir se declarava feminista. É preciso não esquecer que *A mística feminina*,⁷ um livro igualmente despreocupado com o rigor da demonstração, serviu como catalisador de um fenômeno político com uma extraordinária capacidade de mobilização, que desafiou a concepção clássica do que é política.

⁶ *House hold and Family by type: March 1980 (Advance Report Series P20 n." 357. Bureau of the Census).*

⁷ Betty Friedan, 1963.

Albertina de Oliveira Costa é socióloga e trabalha, atualmente na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.